

Novos Desafios da Comunicação

Lucia Santaella*

>A multiplicação dos meios de produção, transmissão e armazenamento de linguagens e informações vem dando à comunicação um papel central em todos os setores da vida social e individual. Como consequência, a comunicação como área de conhecimento está tomando o lugar de uma ciência piloto para cujas questões acabam convergindo muitas outras ciências.

Comunicação digital - Redes Teleinformáticas - Tecnologias Midiáticas - Comunicação Descentralizada – Interdisciplinaridade

>The multiplication of the means of production, transmission, and storage of signs and information is giving to communication a central role in every sector of social and individual life. As a consequence of this role, communication as a field of knowledge is taking the place of a pilot science to whose issues many other sciences converge.

Digital Communication - Teleinformatic Webs - Media Technologies - Decentered Communication - Interdisciplinarity

A qualquer observador do mundo contemporâneo, até mesmo entre os mais leigos, o termo “comunicação” e as noções que ele carrega se impõem massivamente. É voz corrente a afirmação de que estamos inseridos em uma civilização da comunicação. Ora, o ser humano sempre foi por natureza um ser simbólico, ser de linguagem e de comunicação. Comunicar-se, portanto, não é novidade para o humano. Então onde está a novidade? Ela só pode estar na multiplicação crescente e acelerada dos meios de que o ser humano dispõe para criar, registrar, transmitir e armazenar linguagens e informações (BAYLON e MIGNOT, 1999: 3).

De fato, desde a revolução eletro-mecânica, com suas máquinas capazes de produzir e reproduzir linguagens – especialmente as máquinas de impressão, a fotografia e o cinema – a complexidade do campo da comunicação começou a crescer exponencialmente. Tal exponenciação fica visível quando se comparam as máquinas eletromecânicas com as máquinas-aparelhos da revolução eletrônica, rádio e televisão, estas capazes de uma potência de difusão que as anteriores não podiam sonhar alcançar. Na passagem, que estamos vivenciando, da revolução eletrônica para a revolução digital com suas máquinas-dispositivos computacionais aliadas às telecomunicações em dimensão planetária, a exponenciação da complexidade do campo da comunicação começa a atingir proporções gigantescas.

A entrada do século XXI deverá ser lembrada no futuro como a entrada dos meios de comunicação em uma nova era: a da transformação de todas as mídias em transmissão digital, como se o mundo inteiro estivesse, de repente, virando digital. Transmissão digital quer dizer a conversão de sons de todas as espécies, imagens de todos os tipos, gráficas ou videográficas, e textos escritos em formatos legíveis pelo computador. Isso é conseguido porque as informações contidas nessas linguagens podem ser quebradas em tiras de 1 e 0 que são processadas no computador e transmitidas via telefone, cabo ou fibra ótica para qualquer outro computador, através de redes que hoje circundam e cobrem o globo como uma teia sem centro nem periferia, ligando comunicacionalmente, em tempo quase real, milhões e milhões de pessoas, estejam elas onde estiverem, em um mundo virtual no qual a distância deixou de existir.

Vem daí o papel central que os fenômenos da comunicação passaram a desempenhar em todos os setores da vida social e individual e o papel fundamental que a comunicação como área de conhecimento está fadada a desempenhar em muitas outras áreas, e não apenas naquelas que lhe são vizinhas: da biologia à economia, da inteligência e vida artificiais à antropologia, da filosofia à etnologia etc.

1. A Onipresença da Comunicação

O quadro acima esboçado tem levado a um consenso quase incontestável sobre o caráter híbrido da comunicação, de um lado, enquanto fenômeno comunicacional em si, que se faz presente e interfere em vários setores da vida privada e social e em várias áreas do conhecimento; de outro lado, enquanto área de conhecimento ela mesma que, cada vez mais, parece se situar na encruzilhada de várias disciplinas e ciências já consensuais ou emergentes.

As comunicações constituem, ao mesmo tempo, um importantíssimo setor industrial, um universo simbólico que é objeto de consumo maciço, um investimento tecnológico em expansão ininterrupta, uma experiência individual diária, um terreno de confronto político, um sistema de intervenção cultural e de agregação social, uma maneira de se informar, de entreter-se e de passar o tempo etc. (WOLF 1987: 13).

Sfez (1994: 25) também nos alertou para o fato de que a comunicação invadiu todos os domínios: a empresa e seu proeminente setor de “relações humanas”; o marketing, antes restrito ao produto, hoje recobrando a imagem da própria empresa; os meios políticos inteiramente entregues ao marketing político e à imagem de marca; a imprensa, o audiovisual e a edição nos quais a rubrica da comunicação floresce; as psicoterapias que se pretendem comunicativas, e até as ciências exatas – física e biologia – estão contaminadas pelo vocábulo “comunicação”.

Além de a comunicação ter invadido metaforicamente o conjunto das ciências humanas e das práticas políticas, sociais, culturais e econômicas, recordemos ainda, dizia Sfez (ibid.: 28-29), que a biologia genética origina-se no modelo de transmissão codificada de uma mensagem (ADN); que a ciência ecológica ou etológica nutre-se de imagens comunicacionais; que as neurociências tomam seu conteúdo de referência de empréstimo à conexão (esses permutadores cerebrais de mensagens invisíveis). Enfim,

todas as tecnologias de vanguarda, das biotecnologias à inteligência artificial, do audiovisual ao marketing e à publicidade, enraizam-se num princípio único: a comunicação. Comunicação entre o homem e a natureza (biotecnologia), entre os homens na sociedade (audiovisual e publicidade), entre o homem e seu duplo (a inteligência artificial); comunicação que enaltece o convívio, a proximidade ou mesmo a relação de amizade (friendship) com o computador (SFEZ, 1994: 21).

Na época em que Sfez escreveu sua *Crítica da comunicação*, as redes teleinformáticas não haviam ainda explodido e abraçado o globo com uma teia de conexões, nem as questões da globalização político-econômica e da mundialização da cultura haviam entrado na ordem do dia, de modo que, ao acrescentarmos esses novos fenômenos à lista de Sfez, a imagem proliferante da comunicação se torna ainda mais tentacular. Deve-se considerar, contudo, que a emergência das redes e a consciência do mundo globalizado já haviam sido antecedidas, em mais de uma década, por mudanças profundas no mundo da comunicação que estavam produzindo abalos irreversíveis na tradicional hegemonia dos meios de massa.

Desde os anos 70, os satélites de comunicação colocavam, nas telas de televisão de quaisquer partes do mundo, eventos de quaisquer outras partes. Essa composição de um

panorama internacional pluricultural foi intensificando, especialmente nos países centrais, a consciência das alteridades culturais, da existência do outro na sua outridade. Graças a bancos de dados cada vez mais potentes, a memória cultural da humanidade começou a se acumular e se tornar crescentemente mais acessível. Nas máquinas de xerox em cada canto e cada esquina, desmembrando os livros em infinitudes de pedaços para atender necessidades personalizadas, nos jogos eletrônicos e no vídeo cassete, transformando os usos até então hegemônicos do aparelho de televisão, enfim, na multiplicação crescente dos canais de TV a cabo, a cultura do disponível começou a contaminar a cultura de massas com o vírus da personalização comunicativa do qual esta jamais se livraria.

Em suma, as novas tecnologias começaram a descentralizar a comunicação, afetando a recepção de massa ao permitir ao usuário maior controle sobre o processo de comunicação, através de canais de televisão a cabo e videotapes que davam à audiência acesso a programas especializados. Com a emergente fragmentação e segmentação da audiência, a televisão não podia mais ser pensada como um sistema monolítico. O fenômeno do zapping, a mudança de canais através do controle remoto executada pelo telespectador para ficar livre dos comerciais, tornou-se uma preocupação central na indústria da publicidade. O emergente *CompuServe*, serviço de informação através do computador, que podia ser acessado através de terminais domésticos, deslocava a ênfase nos efeitos dos meios de comunicação de massa para a questão da interatividade que se insinuava nas novas mídias (SEVERIN e TANKARD, 1992: 12-13). Todas essas mudanças na comunicação iam brotando no solo mais amplo da irrupção de intenso debate cultural que viria tomar conta do mundo na segunda metade dos anos 80, o debate sobre a pós-modernidade (HARVEY, 1993; SANTAELLA, 2000: 85-134; MENEZES, 2000).

Era nesse debate que ainda estávamos imersos, quando começou a entrar em cena, sob a égide da economia neoliberal, aquele que seria o grande tema dos anos 90, o tema da globalização (ver IANNI, 1992, 1995 e ORTIZ, 1994). Nesse contexto, o papel desempenhado pelos meios de comunicação passou a ser de uma tal ordem a ponto de se poder afirmar que, sem os meios de comunicação teleinformáticos, o complexo fenômeno da globalização, tanto nos seus aspectos econômicos e políticos quanto certamente culturais, não teria sido possível.

Os sistemas tecnológicos complexos de comunicação e informação certamente passaram a exercer um papel estruturante na organização da sociedade e da nova ordem mundial. Daí a sociedade ser definida em termos de comunicação que é definida em termos de redes. Tendo isso em vista, Mattelart (1997a, 1997b) criou o conceito de “comunicação-mundo”, inspirado no de “economia-mundo”. Para o autor, esse conceito permite continuar a análise desse novo espaço transnacional hierarquizado: a lógica pesada das redes imprime sua dinâmica integradora, ao mesmo tempo em que produz novas segregações, novas exclusões, novas disparidades.

Se a internacionalização não é mais o que era na época em que os conceitos de dependência e imperialismo cultural ainda permitiam apreender o desequilíbrio do fluxo mundial de informação e comunicação, é porque novos atores apareceram num cenário doravante transnacional. Os Estados e as relações interestatais não são mais o único pivô de ordenamento do mundo. As grandes redes de informação e comunicação, com seus fluxos ‘invisíveis’, ‘imateriais’, formam ‘territórios abstratos’, que escapam às antigas territorialidades (MATTELART, 1999: 166).

No contexto dessas transformações, vale notar que, crescentemente alimentada pelas comunidades ciberespaciais que se formam ao sabor da espontaneidade desregrada que é

própria das redes, a sociedade informacional e comunicativa na qual estamos inseridos não se deixa explicar à margem do substrato infraestrutural que lhe dá suporte, a revolução digital.

2. Digitalização e Ciberespaço

Segundo Joël de Rosnay (1997: 29), estamos vivendo neste final de século um verdadeiro choque do futuro resultante sobretudo dos avanços das ciências físicas e biológicas. Enquanto a física e a eletrônica levaram ao desenvolvimento da informática e das técnicas de comunicação, a biologia levou à biotecnologia e à bioindústria. Estamos, sem dúvida, entrando numa revolução da informação e da comunicação sem precedentes que está desafiando nossos métodos tradicionais de análise e de ação.

No cerne dessas transformações, os computadores e as redes de comunicação passam por uma evolução acelerada, catalisada pela digitalização, a compressão dos dados, a multimídia, a hipermídia. Alimentada com tais progressos, a internet, rede mundial das redes interconectadas, explode de maneira espontânea, caótica, superabundante, tendência que só parece aumentar com a recente imigração massiva do e-comércio para o universo das redes. Nesse mesmo ambiente, nos setores técnicos e científicos, emergem tendências inquietantes, tais como a realidade virtual e a vida artificial.

Cérebros humanos, computadores e redes interconectadas de comunicação ampliam, a cada dia, um ciberespaço mundial no qual todo elemento de informação encontra-se em contato virtual com todos e com cada um, tudo isso convergindo para “a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho para as sociedades humanas”, enfim, de uma nova antropologia própria do ciberespaço (LÉVY, 1998: 12, 2000).

Segundo Lévy (1998: 13), a fusão das telecomunicações, da informática, da imprensa, da edição, da televisão, do cinema, dos jogos eletrônicos em uma indústria unificada da multimídia é o aspecto da revolução digital que tem sido mais enfatizado. Entretanto, esse não é o aspecto mais importante. A par dos aspectos civilizatórios, tais como novas estruturas de comunicação, de regulação e de cooperação, linguagens e técnicas intelectuais inéditas, modificação das relações de espaço e tempo etc., o mais importante está no fato de que a forma e o conteúdo do ciberespaço ainda estão especialmente indeterminados. Diante disso, não se trata mais de raciocinar em termos de impacto (qual o impacto das infovias na vida econômica, política, cultural, científica?), mas em termos de projetos.

Do ponto de vista do conhecimento, Mattellart (1999: 165) nos diz que, para melhor considerar, na era das redes transfronteiriças, a complexidade dos vínculos que unem territórios particulares, tanto físicos quanto virtuais, novas configurações transdisciplinares se formam, e delas participam a história, a geografia, a geopolítica, a ciência política, a economia industrial e a antropologia. Cada uma dessas especialidades contribui para isso em graus bastante variados, à medida que não experimentam do mesmo modo a necessidade de estabelecer alianças para apreender a nova importância das redes de comunicação.

Tendo isso em vista, sou levada à hipótese de que, dada a onipresença dos fenômenos comunicacionais, a comunicação como área de conhecimento está cada vez mais tomando o lugar de uma ciência piloto para cujas questões acabam convergindo muitas outras ciências. No centro dessas questões, reside a noção das redes de comunicação, uma noção que não se deixa entender à luz de uma visão estritamente tecnológica, pois o funcionamento das redes de comunicação apresenta semelhanças com o comportamento do sistema nervoso, do sistema imunológico, podendo ser simulado através

de programas computacionais que estão no foco das preocupações dos cientistas de inteligência artificial.

Não deve ser por mera casualidade que se acentuam cada vez mais as interfaces e cooperação das pesquisas em comunicação com algumas disciplinas, tais como as ciências cognitivas, as ciências da informação, inteligência artificial e a biologia que, a despeito da especificidade de cada uma, estão lidando com questões que são, antes de tudo, questões comunicacionais. As ciências da comunicação têm, portanto, muito para dar e receber nessa convergência.

Assim sendo, a comunicação como área de conhecimento inclui, mas está longe de se limitar à visão restrita da comunicação como fenômeno exclusivamente humano e social que imperou até finais dos anos 70.

3. A Teia Inter-multi e Transdisciplinar da Comunicação

Desde os anos 90, alguns estudiosos da comunicação têm sido enfáticos ao inseri-la, principalmente na parte de seus fundamentos, naquilo que Lucien Sfez (1992: 11) caracterizou como o núcleo epistemológico da comunicação

que reúne em torno de pontos comuns grande diversidade de saberes: biologia, psicanálise, mass media studies, instituições, direito, ciência das organizações, inteligência artificial, filosofia analítica etc. Esses conceitos comuns às ciências da comunicação parecem dever constituir pouco a pouco os elementos de uma forma simbólica em gestação.

Essa mesma linha de argumentação foi utilizada por Eliseo Verón na apresentação da coleção de publicações na área de comunicação sob o título de El mamífero parlante da editora Gedisa (Buenos Aires, Barcelona, México), por ele dirigida. Ao consagrar o Mamífero parlante à difusão de teorias e investigações no campo das ciências da comunicação, Verón explicou que

o plural ciências, freqüentemente utilizado, expressa indiretamente a complexidade de tal campo. Não dizemos ciência da comunicação nem comunicologia, porque não se trata de uma disciplina, mas de um cruzamento de múltiplas problemáticas correspondentes a disciplinas tradicionalmente diferenciadas. As ciências da comunicação constituem hoje em dia um nó transdisciplinar, no campo das ciências brandas, comparável ao nó das ciências cognitivas, no território das ciências duras.

Em função disso, Verón justificou a presença na coleção de uma ótica antropológica aplicada às sociedades urbanas, de uma ótica epistemológica, semiótica, sociológica, histórica, cognitiva, política, todos esses modos pertinentes de acesso aos fenômenos da comunicação, em particular aqueles associados à emergência e funcionamento de tecnologias midiáticas.

Sem dúvida, só esse último item, o das tecnologias midiáticas, com a tendência atual que apresentam para se integrarem em um único sistema de comunicação cada vez mais complexo, está exigindo uma abordagem multidisciplinar para dar conta de seus variados aspectos científicos, institucionais, tecnológicos, políticos, culturais, profissionais etc.

Na mesma linha de pensamento, em prol de uma perspectiva multidisciplinar para a comunicação, Bognoux (1994: 14-16) defende que o telescópio da comunicação há de favorecer a convergência entre ciências e artes, e permitir religar vários pensamentos errantes ou dispersos. Para ele, há, pelo menos, cinco colunas ou sólidos domínios de estudo sobre os quais se podem edificar as ciências da informação e comunicação: a semiologia, a pragmática, a midialogia, a cibernética e a psicanálise.

Um tal panorama parece exigir uma abertura do olhar e dos horizontes de todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estão envolvidos com a comunicação, quer na teoria e pesquisa quer nas suas diversas formas de prática, desde as práticas pedagógicas até as práticas profissionais nos mais diferenciados tipos de mídia.

■ Parte do livro *Comunicação & Projeto de Pesquisa*, Editora Hacker, série *Comunicação &.*, no prelo.

* Professora titular de Comunicação e Semiótica na PUCSP e Presidente da Federação Latino-Americana de Semiótica.

Bibliografia

BAYLON, C. e MIGNOT, X. (1999). *La Communication*, 2a. ed. aumentada. Nathan Université.

BOUGNOUX, D. (1994). *Introdução às ciências da informação e da comunicação*. Petrópolis: Vozes.

HARVEY, D. (1993). *Condição pós-moderna*, traduzido por Adail Ubirajara Sobral e Maria Stella Gonçalves. São Paulo: Loyola.

IANNI, O. (1992). *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. (1995). *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LÉVY, P. (1998). *A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço*, traduzido por Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola.

_____. (2000) *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

MATTELART; A. (1997a). *A comunicação do mundo, história das idéias e das estratégias*. Petrópolis: Vozes.

_____. (1997b). *A invenção da comunicação*. Lisboa: Instituto Piaget.

MATTELART; A. e M. (1999). *História das teorias da comunicação*, traduzido por Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola.

MENEZES, P. (2000). *A Crise do passado*, 2a. ed. São Paulo: Experimento.

ORTIZ, R. (1994). *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense.

ROSNAY, J. de (1997). *O Homem Simbiótico*. Rio de Janeiro: Zahar.

SANTAELLA, L. (2000). *Cultura das Mídias*, 3a. ed. São Paulo: Experimento.

SFEZ, L. (1994). *Crítica da comunicação*, traduzido por Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola.

SEVERIN, W. J. e TANKARD Jr. (1988). *Communication theories: Origins, Methods, Uses*. New York: Longman.

WOLF, M. (1987). *Teorias da comunicação*, traduzido por Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença.